

TCC/UNICAMP  
N922p  
IE/828



1290000828



IE  
TCC/UNICAMP N922p

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
NOME: ALEXANDRE SEIFFERT NUNES  
ORIENTADOR : PROF. CARLOS AMERICO PACHECO  
BANCA : PROF. DR. WILSON CANO



**"MONOGRAFIA DE  
GRADUACAO"**

TEMA: " OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS MIGRATORIOS  
NOS ANOS 70/80 E SUAS CAUSAS ECONOMICAS"

NOVEMBRO/98 ✓

O presente trabalho trata das migrações interregionais no período recente, voltando-se para as hipóteses econômicas que orientam as estimativas desses movimentos populacionais nos anos 80.

A migração tem grande importância como processo social, pois ela envolve grandes contingentes de pessoas que mudam de região em virtude de problemas naturais ou econômicos, condicionando assim, diferenciações regionais e de mercado de trabalho.

Na primeira parte da monografia será feita uma análise geral e sumária dos principais movimentos migratórios do século XX, buscando destacar as correntes migratórias principais nas décadas anteriores a de 80, simultaneamente, aponta-se regiões que se caracterizaram como expulsadoras em determinado período e aquelas para as quais se destinaram esses fluxos e que apresentaram uma migração líquida positiva, constituindo-se assim, regiões de atração populacional.

No segundo capítulo serão analisados os principais movimentos migratórios interregionais nos anos 80, destacando as dificuldades metodológicas para realizar projeções demográficas para esta década. Será feita referência à parte para o processo de transição demográfica da população brasileira ao longo das últimas décadas, destacando a queda generalizada da fecundidade das diversas regiões.

Nesta segunda parte também serão analisadas as hipóteses e modelos adotados para as projeções dos anos 80. Será feita ainda uma avaliação sumária do desempenho econômico regional brasileiro, apresentando as transformações e o desempenho da agricultura e indústria. Estas informações permitirão centralizar as hipóteses econômicas adotadas e formular uma avaliação qualitativa das tendências prováveis dos movimentos migratórios da década.

A terceira parte consta da conclusão de trabalho, que procura analisar os resultados das projeções atuais, verificando a consistência das informações que então apresentadas.



## Importância da migração como processo social para determinar a dinâmica regional.

A migração se constitui no processo de deslocamento de pessoas de uma localidade para outra, podendo esse deslocamento ser feito de um país para outro ou de uma cidade ou região para outra dentro do mesmo país. A imigração tem grande importância então como processo social, como reflexo e determinante de transformações ocorridas na organização social da produção a nível de regiões, setores ou grupos.

Os movimentos migratórios têm grande expressão sócio econômica, eles refletem e condicionam divergências econômicas regionais e de mercado de trabalho.

No Brasil esses movimentos envolvem sobretudo contingentes de pessoas pobres que partem em busca de melhores condições econômicas, ou seja, buscam mercado de trabalho que lhes ofereçam oportunidades de emprego melhor remuneradas e também contingentes de pessoas compulsoriamente expulsas de regiões que sofrem problemas naturais como secas e enchentes, ou cujas condições econômicas, seja pela modernização, seja pelo atraso, implicam na produção sistemática de um excedente populacional.

Os movimentos migratórios contribuem para determinar a dinâmica regional pois são eles a causa da concentração populacional em algumas áreas.

## 1- As tendências históricas da migração interregional Brasil

### 1.1- A migração estrangeira nas primeiras décadas do século XX

Os anos finais do século XIX e os primeiros anos do século XX presenciaram um intenso fluxo de trabalhadores europeus com destino à América, predominantemente para os Estados Unidos, constituindo uma esmagadora porcentagem de migração total de mão de obra para o Novo Mundo.

O volume de migrantes europeus que vieram para o Brasil neste período foi sensivelmente menor que a migração com destino ao Estados Unidos, sendo que em 1880, 446.395 migrantes se destinaram para os Estados Unidos, enquanto apenas 22.520 vieram para o Brasil. Já em 1890 esse diferencial diminuiu, sendo que 517.320 migrantes foram para os EUA enquanto 121.927 para o Brasil. Esse diferencial volta a crescer em 1900. A partir de 1912 começa a diminuir significativamente a migração para os EUA, enquanto para o Brasil esse fluxo europeu declina a partir de 1914, voltando a se elevar novamente a partir de 1918 e reduzindo-se significativamente a partir de 1928. Entretanto, constatamos que o diferencial de imigração entre Brasil e USA diminui significativamente e em 1930 o fluxo do migrante europeus para os Estados Unidos foi de 192.270 enquanto 59.177 se destinaram para o Brasil. Essas informações dizem respeito às entradas de imigrantes, sem levar em conta a saída. Como sabe-se a imigração líquida estrangeira para o Brasil foi por vezes negativa nestes anos em função do elevado número de saídas, tendo como exemplo o Estado de São Paulo no período 1908-20, onde houve mais saída do que entrada de migrantes (1).

(1) Cano, Wilson; Raízes da Concentração Industrial em São Paulo; tab.72, pg.311.



Apesar do volume de migrantes europeus que vieram para o Brasil ser significativamente menor que os que se dirigiram para os EUA no período 1876-1930, podemos destacar três movimentos principais que ocorreram durante esse período conforme Graham (1) .

a) O primeiro movimento importante de imigração bruta ocorreu entre 1888 e 1897 . Em 1895 correspondeu a um volume cinco vezes maior do que a do início da década de 1880. Esse movimento foi motivado pela grande expansão do setor cafeeiro, quando os imigrantes italianos se estabeleceram como colonos nas novas fazendas de café no oeste do estado de São Paulo.

b) Os 8 primeiros anos após 1898 foram marcados por uma depressão no mercado mundial do café, ocorrendo uma queda dos preços internacionais do café, em função das super-produções ocorridas naqueles anos e isso ocasionou uma queda na imigração durante esses anos. A partir de 1906 o movimento migratório para o Brasil se acelera , não apenas pela recuperação dos preços e expansão das terras produtoras de café , mas também por um significativo aumento no ritmo do crescimento industrial, somente interrompido pela primeira guerra mundial.

c) O terceiro ciclo da imigração internacional para o Brasil ocorre entre 1914 e 1928 , com os anos de guerra de 1914 a 1918 constituindo as época de baixa e os anos seguintes a um movimento ascendente importante, ocasionado pelo grande aumento especulativo no setor cafeeiro , que levou à crise de superprodução no começo da década de 30.

A composição étnica dos migrantes europeus para o Brasil mudou abruptamente de 1893-1903 a 1903-1913. Graham aponta que no primeiro período os italianos contribuíram com mais de 60% do total de migrantes que entraram no Brasil. Na década seguinte esta participação caiu para 19% , enquanto portugueses e espanhóis contribuíram com 38% e 22% respectivamente. O Brasil, embora promovendo um programa de subsídios, perdeu o poder competitivo de atrair migrantes italianos, e teve que aproveitar a migração vinda de países mais pobres da Península Ibérica, onde a língua e a cultura facilitavam a migração intercontinental para o Brasil.

(1) Graham, Douglas; Migrações Internas no Brasil: 1872-1980, pg.39-53.



Fatores externos contribuíram significativamente para o grande fluxo da última década do século passado : a baixa taxa de crescimento da agricultura italiana; o crescente índice de desemprego nos USA e as baixas taxas de lucro nas ferrovias argentinas.

A rápida taxa de urbanização é um dos mais importantes impactos criados pelo crescente ritmo de migração estrangeira para o Brasil na década de 1890. Apesar da imigração destinar-se a suprir as necessidades de mão-de-obra das fazendas de café do interior , é evidente que houve um considerável volume de migração intra-estadual desses estrangeiros para as áreas urbanas de São Paulo, principalmente, para a capital que, segundo Graham, aumentou de 64.934 habitantes em 1890 para 239.820 em 1900, tornando-se quase quatro vezes maior num espaço de dez anos.

Em razão destes fatos , parte do crescimento da imigração entre 1904 e 1913 foi absorvida pelas atividades urbanas e industriais em lugar das ocupações agrícolas.



## 1.2- Mão de obra para o café

Segundo Cano (1975), entraram cerca de 2,5 milhões de imigrantes em São Paulo no período 1887-1930, que iriam se constituir em mão de obra livre nas lavouras cafeeiras de Campinas, Sorocaba, Bragança e zonas pioneiras do oeste e noroeste do Estado (1).

A imigração dos japoneses elevou-se muito entre 1920 e 1929, num período em que a imigração européia para o Brasil já decrescia. Nesse período imigraram 56 mil japoneses para trabalhar nas lavouras cafeeiras, embora proporcionasse grande diversificação na agricultura produtora de alimentos.

O regime de trabalho livre na cafeicultura permitiu uma diminuição dos custos de produção cafeeira, aumentando-se a produtividade com a utilização mais intensiva de adubos e equipamentos agrícolas; isto possibilitou, através de uma oferta crescente de mão de obra, que os salários fossem flexíveis para baixo. Este cenário viabilizou a acumulação de capital do setor cafeeiro, servindo, também, para a expansão da indústria, a qual utilizaria também a mão de obra liberada da cafeicultura.

O imigrante passou a ter importância crescente como mão-de-obra nos setores industriais, já que em 1900, perfazia menos de 5% do total da força de trabalho industrial e, em 1920, essa porcentagem atinge 17%, o que significou um aumento de mais de três vezes. Esses imigrantes se concentraram sobretudo nos grandes centros industriais que eram São Paulo e Rio de Janeiro.

(1) Zonas pioneiras da Mogiana e as de Rio Claro, Catanduva e Rio Preto, além de outras mais extremas do Estado.

(2) Regiões do Nordeste e Minas principalmente.

(3) Cano, Wilson; Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, pg.47-48.



### 1.3- As migrações internas

Os primeiros grandes movimentos migratórios internos também remetem-se às décadas finais do século XIX. No período 1872-1890, devido a rigorosas secas, o Nordeste apresentou altos índices de migração para outros Estados. Entre 1890 e 1940, contudo, as imigrações para fora dessa região diminuíram bastante.

De 1880 até a primeira Guerra Mundial (1914-1918), grande parte da migração que saiu do Nordeste dirigiu-se para as áreas da Região Norte, motivados pelo auge da extração da borracha na Região Amazônica que durou até a primeira guerra. A partir de então, até 1940, foi exatamente a região Norte que apresentou índices elevados de migração para fora, refletindo a estagnação econômica regional derivada do declínio da economia da borracha segundo Graham (1).

Bahia e Minas Gerais tornaram-se a partir das primeiras décadas do século XX, importantes centros de origem de migrações. De acordo com Graham (2), a cidade do Rio de Janeiro recebeu uma quantidade líquida de migrantes internos maior do que o estado de São Paulo até 1920, tanto em termos relativos como em termos absolutos. Depois de 1920, São Paulo tornou-se importante receptor de migração interna, fato que coincide com a redução acentuada da imigração internacional (2).

Entre os primeiros anos do século XX até 1930 a dinâmica migratória apresentou quatro características mais relevantes: a continuidade no desenvolvimento da borracha na Amazônia até a primeira Guerra, atraindo mão de obra principalmente do Nordeste; a migração intra-regional de italianos das fazendas de café para as áreas urbanas do Sul à procura de emprego industrial; a substituição nas áreas rurais desses imigrantes pelos recém-chegados, que continuaram a ser subsidiados e estimulados pelo governo; e a participação ainda pequena dos imigrantes nativos como força de trabalho no desenho da economia do Centro Sul.

(1) Graham, op. cit., pg.48.

(2) Graham, op. cit., pg.21.



Com o deflagrar da 1ª. Guerra , a imigração internacional praticamente cessa , fato que é reforçado também pelo fim do programa de subsídio para imigrantes . Com isto , acentua-se as migrações internas do Nordeste e de Minas Gerais para São Paulo e para outros estados do Sul . O rápido aumento do fluxo de migração a partir dos Estados de Alagoas, Minas e Bahia ressalta a importância crescente da mão de obra proveniente do Nordeste no suprimento da mão de obra do Centro-Sul do país .

O grande desenvolvimento industrial ocorrido nas áreas urbanas de São Paulo , na década de 30, incentivou que migrantes estrangeiros e nativos da zona rural fossem para lá em busca de melhores condições de trabalho, ainda que o setor agrícola mantivesse papel importante na atração de migrantes para áreas próximas à nova fronteira em expansão , sobretudo na direção do Norte Paranaense .

Mombeig (1984) aponta que entre 1870 e 1940 entraram 946.122 imigrantes italianos atraídos sobretudo pelos ciclos de expansão cafeeira do final do século XIX , ou em curso a partir da recuperação do café após 1905 .

Durante a década que precede à segunda Guerra Mundial (1928-1937) teve-se uma reduzida imigração estrangeira, com a contribuição japonesa sendo pequena (18,7%), embora esse percentual fosse mais alto que na década precedente. Mombeig aponta as seguintes razões para essa reduzida imigração: ... os imigrantes queriam partir desses países (1) no movimento dos trabalhos de paz, para que não caíssem sob um domínio estrangeiro... e a legislação facista obstava a saída dos italianos e o Brasil por fim tinha tomado o caminho das restrições à imigração .

Para Mombeig (2), o grosso da imigração japonesa desembarcou em Santos, na década de 30, preparada para lançar-se na agricultura algodoeira pois o café havia entrado em declínio com a crise de 1929. Foram japoneses os responsáveis pelo sucesso do algodão na sua fase inicial, sendo que as culturas nipônicas mais importantes se localizavam na Alta Paulista que inclui cidades como Bastos, Marília, Getulina e Pompéia .

(1) Esses países são os países do leste europeu .

(2) Mombeig, P.; Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo, Editora Hucitec e Editora Polis, 1984, p.79 .



## 1.4- OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NACIONAIS ANTERIORES A 1980:

### 1.4.1- MIGRAÇÕES DE 1.900 à 1930

#### Origens dos Fluxos Migratórios Nacionais

No período entre 1900 e 1920, a taxa de migração líquida interna foi de aproximadamente 3,8%, conforme revelam Grahan e Hollanda (1). Isto corresponde a uma migração interna para os estados do Sul maior do que a registrados nas décadas anteriores, sendo que o maior fluxo não tem origem no Nordeste, mas a partir dos estados do Leste.

O desenvolvimento da economia da borracha na Amazônia continuou até a primeira Guerra Mundial, declinando em seguida. Este declínio refletiu-se no fluxo registrado para o Nordeste neste período.

Houve também uma grande melhora nos setores de algodão entre 1908 e 1920, enquanto que as exportações de açúcar refinado quase dobraram, durante a Primeira Guerra Mundial. Esses fatos, aliados à ausência de secas rigorosas incentivou a migração para os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, segundo BUARQUE - GRAHAN (2).

(1) Grahan e Hollanda, op. cit., pg.46.

(2) Grahan e Hollanda, op. cit., pg.48.



Na região Sudeste , um fenômeno importante foi o crescimento rápido da população da cidade de São Paulo que , cresceu rapidamente no período 1900-1920, quase dobrando o seu número de habitantes, passando de 239.820 para 579.033.

A participação do migrante estrangeiro na força de trabalho industrial dos dois maiores centros urbanos industriais, constituindo 35% e 51% da força de trabalho industrial total no Rio de Janeiro e São Paulo em 1920, revela a importância que assumiu essa migração com destino urbano (1).

Nas primeiras décadas do século XX, além da migração internacional que correspondeu à vinda de europeus para trabalhar nas lavouras cafeeiras como mão de obra assalariada, foi também significativa a migração interna de brasileiros para os estados do Sul como Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, região onde o estrangeiro (principalmente alemães) ainda era dominante segundo BUARQUE (2).

Os japoneses, nos anos 20 e 30, se constituíram nos últimos contingentes migratórios internacionais de relevância .O final da imigração européia após 1930 , cujo decréscimo já se verificava a partir de 1914 , está relacionado com o final do processo de ajustamento das agriculturas européias que haviam expulsado volumes significativos de camponeses no final do século XIX.

A partir da década de 20 , tendem a prevalecer os movimentos interregionais , com a redução acentuada dos fluxos de migrantes estrangeiros . Estes restringem-se à migração de origem japonesa , mas se tornando quase insignificantes a partir da Segunda Guerra Mundial .

BUARQUE aponta que de 1.934 a 1940 , São Paulo recebeu mais de 320.00 migrantes nativos, sendo que destes mais de 67% dos quais vieram da Bahia e dos Estados Nordestinos, motivados pela grande seca ocorrida em 1.932 (3).

Neste período o grande fluxo migratório para São Paulo neste período ocorreu em virtude do expressivo crescimento registrado nos setores industriais (11,3% no período 1933 - 1939) e não devido ao desempenho do setor agrícola que sofria um declínio em seu índice de crescimento. Os principais receptores de migração da década de 30 (Rio de Janeiro e São Paulo) eram os dois maiores centros industriais, com um rápido crescimento.

Assim, o crescimento da indústria nas áreas urbanas de São Paulo na década de 30, atuava como uma força magnética atraindo migrantes estrangeiros e nativos da zona rural, especialmente das antigas zonas fronteiriças do estado.

(1) Grahan e Hollanda, op. cit., tab.29; pg 51.

(2) Grahan e Hollanda, op. cit., pg 53.

(3) Grahan e Hollanda, op. cit., pg 57.



A partir de 1940 tivemos três movimentos migratórios principais: o primeiro consistiu no aumento na migração do campo para as cidades devido a fatores como o conjunto das transformações técnicas da agricultura, a evolução das condições naturais do solo e climáticas (secas), que expulsaram milhares de trabalhadores rurais, e também, a motivação vinda pelo desenvolvimento industrial por que passaram as grandes metrópolis.

Um outro importante fluxo migratório se deu em direção às áreas fronteiriças, o que ocasionou a ocupação do Norte e Nordeste do Paraná a partir de meados da década de 30 até meados da década de 60. Mais tarde, esse processo se desdobraria na ocupação da faixa central do país, que cobre desde o Mato Grosso do Sul até o Maranhão, passando por Goiás, com término na década de 1970.

Farei um apanhado sucinto das condições das economias regionais da época, com base na tese de livre docência do prof. Wilson Cano:

A Amazônia teve sempre como atividade econômica o extrativismo vegetal e sua economia desenvolveu-se com a expansão da exportação de borracha, que se deu entre 1870 e 1912. Quando essa atividade entra em crise, mesmo antes da Primeira Guerra, sua economia voltou a entrar em estagnação.

O Nordeste teve na agricultura o ponto determinante de sua evolução econômica, principalmente com o açúcar e o algodão. O açúcar que entrara em decadência desde fins do século XVII. O algodão, por sua vez, nunca chegou a ter importantes mercados, devido à sua qualidade se comparado ao algodão importado. Esses dois produtos dessa região sofreram ainda mais a queda nas suas demandas quando SP se tornou o maior produtor deles.

Entre os Estados do Sul, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina se dedicavam à pecuária. O Paraná, ao contrário, foi a grande fronteira de expansão cafeeira, com predominância da pequena e média propriedade.

Em relação aos Estados cafeeiros do Sudeste (Minas, São Paulo e Rio de Janeiro), cabe destacar que o retrocesso do Rio se dava ao mesmo tempo do grande desenvolvimento industrial de São Paulo.

### 1.4.3- Crescimento Vegetativo

A quase totalidade das análises da demografia brasileira das últimas décadas tem utilizado a expressão transição demográfica em vez do termo explosão demográfica, que a partir de 1940 refletia as preocupações com o crescimento da população . Até meados da década de 60 , em razão da natalidade ainda se apresentar alta nas diversas regiões do Brasil, especialmente nas regiões menos desenvolvidas do norte e nordeste do País , e , também por presenciarem-se uma queda das taxas de natalidade , a tendência predominante é de aumento do ritmo de crescimento vegetativo da população nacional .

A questão da natalidade ainda é um tema que gera preocupações, uma vez que ela apresenta taxas geralmente muito mais altas em regiões cuja economia não conseguiu se dinamizar e promover uma capitalização suficiente para que fossem introduzidas melhorias visando ao bem estar da população, evoluindo um nível de cultura melhor que permitiria a essa população exergar melhor os problemas futuros que uma grande taxa de natalidade iria ocasionar. Assim como ocorre com a mortalidade, os níveis e velocidade de redução da fecundidade são diferentes nas diversas regiões e grupos sociais do país.

Já em 1940 , as regiões Sul e Sudeste que eram as regiões mais desenvolvidas em função da rápida industrialização e de concentração industrial nessas regiões, apresentavam taxas de fecundidades mais baixas em relação às demais regiões e uma tendência ao aumento desse diferencial ao longo das últimas quatro décadas .

(1) Cano e Pacheco , São Paulo no Limiar do Século XX : Perspectivas dos Setores Produtivos 1980-2000 ; pg. 5 .



A tabela a seguir , mostra as diferenciais das taxas de fecundidade , segundo as grandes regiões , no período que vai de 1940-1980.

Brasil: Taxas de fecundidade total segundo as grandes regiões, 1940-1980.

Grandes Regiões	1940	1950	1960	1970	1980
Norte	7.17	7.97	8.56	8.25	6.45
Nordeste	7.15	7.50	7.39	7.53	6.13
Sudeste	5.69	5.45	6.34	4.56	3.45
Sul	5.65	5.70	5.89	5.42	3.63
Centro-Oeste	6.36	6.86	6.74	6.42	4.51
Brasil	6.16	6.21	6.28	5.76	4.35

Fonte: Fundação IBGE UNICEF, Perfil Estatístico de Crianças e Mães do Brasil, 1988 in Cano e Pacheco (1990) , pg. 9 .



#### 1.4.4- Principais fluxos 1930/70

Como enfatizou-se acima , o período 1930/70 revelou três fenômenos migratórios principais segundo Buarque (1):

1- Houve um brusco aumento da migração do campo para a cidade;

2- foi dado grande impulso em direção às áreas fronteiriças que levou primeiro ao Paraná e mais tarde a Goiás e Mato Grosso;

3- a grande migração a partir do Nordeste, especialmente em razão das grandes secas da década de 50.

A tabela abaixo resume os saldos líquidos da migração interna por Estados no período 1.940/70.

Migração Interna Líquida dos Brasileiros Natos por Estados, calculada pelo método de sobrevivência censitária - Brasil e Unidades da Federação 1.940-1.970

Estados	n.o de migrantes			Índices de Migração		
	1.940-50	1.950-60	1.960-70	1.940-50	1.950-60	1.960-70
AC	6.344	-2.758	-3.687	8.08	-2.41	-2.30
AM	-3.862	1.261	-17.983	-5.55	0,24	-2.40
PA	-31.255	8.638	89.410	-3.35	0.74	5.52
MA	5.100	212.231	-220.542	0.41	13.40	-8.85
PI	-25.120	-157.655	-18.858	-3.07	-15.08	-1.49
CE	-36.843	-330.739	-82.859	-1.76	-12.27	-2.48
RN	-16.037	-133.723	26.171	-2.09	-13.82	2.26
PB	-81.174	-256.418	-204.418	-5.71	-14.97	-10.13
PE	-14.322	-372.565	-203.231	-0.53	-10.97	-4.91
AL	-98.070	-182.636	-92.917	-10.32	-16.71	-7.31
SE	-40.163	-99.123	-88.313	-7.41	-15.38	-11.82
BA	-135.512	-506.165	-366.763	-3.47	-10.47	-6.12
MG	-601.788	-593.386	-1.273.746	-8.96	-7.62	-12.79
ES	-46.230	44.612	-227.833	-5.94	4.66	-16.06
RJ	-19.122	195.842	201.315	-1.06	8.53	5.92
GB	345.352	372.816	372.181	22.60	15.68	11.25
SP	362.270	712.706	993.428	5.70	7.80	7.66
PA	342.263	912.855	790.169	29.28	43.58	18.39
SC	4.089	-63.441	-49.237	0.36	-4.07	-2.29
RG.Sul	13.515	-162.532	-339.909	0.42	-3.90	-6.24
GO(*)	91.831	259.310	449.076	11.15	21.34	21.42
MT(**)	-2.251	131.839	268.317	-0.55	23.59	27.38
Brasil	+1.170.764	+2.861.130	+3.190.296	2.94	5.51	4.49
	-1.171.760	-2.861.151	-3.190.296			

(\*) Inclui DF e Tocantins .

(\*\*) Inclui MS e MT .



Neste período, portanto, houve duas correntes migratórias principais:

1- Em direção às cidades:

esses fluxos decorreram de duas razões : a mais importante foi a expulsão compulsória do campo , ou seja , o exôdo rural , motivado por condições naturais adversas ou pela modernização tecnológica do campo e a outra razão adveio do grande crescimento industrial, que ocasionou uma maior oferta de empregos nas cidades, contribuindo, assim, para a crescente urbanização, sobretudo na região Sudeste.

2- Em direção as Fronteiras Agrícolas:

Três grandes momentos de expansão das fronteiras agrícolas marcaram este período . O primeiro ocorreu a partir em meados da década de 30 e até meados da década de 60 em direção ao Paraná. O segundo se deu na faixa central do país, que cobre desde o Mato Grosso do Sul até o Maranhão , passando por Goiás, com término na década de 70. Finalmente, o terceiro movimento ocorreu em direção à Amazônia, a partir de 1.970.

Segundo Grahan e Hollanda , a migração líquida para o Paraná na década de 1950 atinge quase um milhão de pessoas, tratando-se, em grande parte, de um prolongamento agrícola da economia cafeeira paulista . Destaca-se também o fato de bem mais da metade dos migrantes do Paraná entre 1940 e 1950 vieram de São Paulo.

Goiás foi povoado por migrantes nordestinos ( muito mais pobres levados a abandonar seus estados devido à superpopulação rural, desemprego e secas do nordeste) , mineiros e paulistas , os quais também se dirigiram para a parte sul do MT que é conhecido como periferia paulista , realizando uma colonização com base em grandes propriedades onde se dedicavam à pecuária e , mais recentemente , à soja . O Paraná opostamente , foi povoado por migrantes que para lá se dirigiram atraídos pelas oportunidades econômicas promissoras.

Segundo PACHECO e CANO (3) , esgota-se o processo de ocupação da fronteira maranhense na década de 1960, tornando-se essa região expulsadora, restando o final da ocupação do Paraná e a ocupação de Goiás e Mato Grosso , além das novas áreas da região Norte , de ocupação mais recente.

Da década de 60 para a de 70 , reduz-se sensivelmente a capacidade de reter migrantes no Rio de Janeiro e , em parte , no Distrito Federal , assim como aumenta o peso da migração para São Paulo . Minas Gerais , por outro lado , constituiu-se no principal estado de origem da migração estadual na década de 1960 .

(1) Martine , Migração e Metropolização , pg 31 .

(2) Grahan e Hollanda , op. cit. , pg 77 .

(3) Cano e Pacheco (Abril de 1990) , pg 16 .



UNICAMP

A tabela abaixo reproduz a estimativa dos movimentos migratórios interestaduais segundo unidades da federação e tipo de movimento, entre 1960 e 1980.

Brasil: Estimativa dos Movimentos Migratórios Interestaduais Segundo Unidades da Federação e Tipo de Movimento e Período

unid. da federação	1960/1970			1970/1980		
	I	E	S	I	E	S
Rondonia	8099	4729	3370	261190	9443	270633
Acre	43	12765	-12722	10011	9100	911
Amazonas	14980	13509	1471	55175	25959	29216
Roraima	-6197	498	-6695	15143	1399	16542
Pará	61687	31036	30651	335338	63039	272299
Amapá	5561	1850	7411	4080	77	4157
Maranhão	990	117213	-107310	38318	23318	-198212
Piauí	15324	64679	-49355	33594	170740	-137146
Ceará	34163	145213	-111050	60694	419430	-358736
RG Norte	13130	80753	-67623	45509	150702	-105193
Paraíba	17125	229134	-212009	50418	353599	-303181
PE	64477	313435	-248958	111049	594061	-483012
Alagoas	13429	125993	-112564	27909	174334	-146425
Sergipe	9023	89959	-80936	40692	86142	-45450
Bahia	39036	512649	-473613	159425	692998	-533573
Minas	50535	1090536	-1040001	254501	1029224	-774723
ES	86283	93332	-7049	95072	133298	-38226
RJ	649066	62131	586935	664557	166803	497754
SP	1221243	225117	996096	2851800	98340	2753460
Paraná	674265	173155	501110	-261714	844931	-1106645
SC	65908	157506	-91598	106136	147491	-41355
RG Sul	18867	282608	-263741	89619	226725	-137106
MGrosso	257924	29414	228510	368455	94426	274029
Goias	206498	84774	121724	151374	207552	-56178
DF	395746	12200	407946	349809	3649	346160
TOTAL	3926118	3926118	0	5918154	5918154	0

Fonte: Costa, Manuel Augusto. Migrações Interestaduais no Brasil, 1950/1980, Texto para Discussão Interna, no.144, INPES, Rio de Janeiro, Junho de 1988, p.35.

Obs: I= Imigrantes; E=Emigrantes; S= Saldo Migratório.



O período pós 20 foi marcado pela expansão industrial no Brasil, principalmente em São Paulo, onde se concentraram as indústrias mais importantes. A nível do Brasil, temos que o produto real da indústria brasileira triplicou entre os anos 1919 e 1930 e , já em 1949 , São Paulo apresentava uma indústria duas vezes e meia maior do que em 1939. O eixo dinâmico da economia nacional passava a se concentrar no Estado de São Paulo, para onde se dirigiram milhares de migrantes de outras regiões , em busca de uma oportunidade de emprego na emergente e próspera indústria paulista.

Segundo CANO (1985), durante o período 1949-1959, a taxa de crescimento para o total da indústria brasileira foi de 9,3% e para São Paulo foi de 10,8%. A expansão paulista era superada neste período pelas da Bahia, Norte e Centro-Oeste e acompanhada de perto pelas do Rio de Janeiro, Paraná, Maranhão e Piauí. Essa expansão nos vários estados continuou se acelerando na década seguinte e o resultado foi a duplicação do parque industrial brasileiro entre 1959 e 1970. O nível de emprego aumentou 36% durante esse período no Brasil, sendo que em São Paulo ele cresceu 44%.

Até os anos 40, Minas e Rio de Janeiro apresentaram saídas de 11,55 e 23% respectivamente de suas populações totais, em virtudes da decadente economia em que se encontravam, resultante da crise cafeeira e da mais demorada rearticulação de suas agriculturas, sendo que esses duas regiões passaram a ser regiões expulsadoras.

Em relação ao período 1940/50 ,Cano (1985) afirma que o estado da Guanabara (22%)(1) era o segundo maior receptor de migrantes até 1950 atraídos por ser a grande hospedeira do setor público federal, sendo que 40% dos imigrantes que lá entraram eram provenientes do vizinho Rio de Janeiro. O estado do Paraná era o terceiro receptor (15,5%) de migrantes, em razão da que foram para lá atraídos pela grande expansão de sua fronteira agrícola em 1950. Entretanto, era São Paulo o grande receptor de migrantes , atraídos, conforme já foi mencionado, pela expansão agrícola e sua diversificação e também pela rápida industrialização que se processou nesta região .Contudo , deve-se ter em conta que , apesar de ser o principal receptor , São Paulo também situava-se entre os maiores expulsadores .A fronteira agrícola do Paraná foi aberta a partir da segunda metade da década de 1920, mas sua grande expansão ocorreu a partir da década de 1940, principalmente com o café. A fronteira agrícola do Centro-Oeste começava a ser ocupada mas já

recebia importante fluxo que equivalia a pouco mais da metade do recebido pelo Paraná em 1950 , segundo Cano. Nestas duas regiões , os migrantes eram atraídos pelas oportunidades de emprego no setor rural e pela possibilidade maior de acesso à terra, na forma de pequena e média propriedade.

(1) O Estado da Guanabara recebeu 22% do total de migrantes no período 1940/50 .



Até 1950, do total de saídas de Minas Gerais, 25% se dirigiu para a fronteira do Paraná e Centro-Oeste, 27% para o Rio de Janeiro e Guanabara e 40% para São Paulo.

O Nordeste também se caracteriza como uma região expulsadora devido às secas e também a uma mecanização da agricultura, menos intensa que no caso do Paraná, que liberou grande quantidade de mão-de-obra. De fluxos de migrantes nordestinos, 34% se dirigiu para as áreas de fronteira ou simplesmente rurais (Paraná, Centro-Oeste e Amazônia); 22% para o Rio de Janeiro e Guanabara e 35% para São Paulo.

Com base nas tabelas dos fluxos migratórios no período (40/80) segundo a naturalidade, faz-se aqui uma interpretação dos principais movimentos migratórios interregionais nesse período, fazendo uma análise econômica das regiões neles envolvidas.

O fenômeno migratório é importantíssimo na análise demográfica nacional em razão da intensidade que adquire no Brasil pelo fato da queda da fecundidade acentuar o efeito do componente migratório sobre o crescimento populacional.

De acordo com Costa (1988), os movimentos migratórios interestaduais foram numericamente crescentes nas décadas de 40 à 80, com uma predominância de jovens entre os contingentes migratórios e uma acentuada participação de migração familiar entre esses grupos (1).

Durante esse período, São Paulo se destacou como o maior receptor dos fluxos, constituindo-se no principal pólo dinâmico do país, em função da industrialização e intenso processo de urbanização por que passou esta região. São Paulo foi uma região que recebeu fluxos das mais diversas regiões do país e já na década de 60 ultrapassava o Rio de Janeiro na condição de maior pólo receptor de migrantes do país.

Costa aponta que Minas Gerais foi a unidade de origem dos fluxos migratórios mais numerosos até o ano de 1980 (as saídas desse estado formavam um contingente líquido da ordem de 4 milhões de pessoas até essa data, superior às saídas conjuntas de baianos, pernambucanos e paranaenses).

(1) Ver Costa, Manuel Augusto, Junho de 1988, Texto para Discussão Interna no. 144- Migrações interestaduais no Brasil, 1950/80.

Apesar de São Paulo ser o maior receptor, também ocorreu um numeroso movimento migratório de paulistas, cujo contingente de imigrantes até 1980 já ultrapassava a 1,4 milhão de pessoas, número praticamente igual ao número de imigrantes de Pernambuco de todas as unidades do Nordeste, e que coloca São Paulo também na condição de terceiro maior centro de fluxo de imigrantes do país, constituindo-se portanto no mais complexo e dinâmico centro do país e para o qual devem ser dadas as maiores atenções.

Já as regiões do Nordeste, com exceção do Maranhão nos anos cinquenta, Minas Gerais, Espírito Santo e o extremo Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) são as áreas tradicionais de expulsão na dinâmica demográfica nacional desde a década de 1940 segundo Pacheco (1).

A região nordeste, segundo Martine (2), apresentou as menores taxas de crescimento da população urbana durante o período 1940-80 e, conseqüentemente, ostentou o menor grau de urbanização em 1980.

(1) Cano, Dr. Wilson e Pacheco, Carlos Américo- São Paulo no linear do século XXI- Relatório Parcial de Demografia- Abril 1990.

(2) Martine, George; Canasano, Ana Amélia; Naport, Ricardo-Outubro/89 A urbanização no Brasil: Retrospectiva, Componentes e Perspectives.



O exame dos principais fluxos migratórios inter-regionais deve levar em conta as transformações recentes da agricultura nacional, com a ocupação das novas fronteiras, a incorporação do progresso técnico que influi sobre o nível de emprego e a concentração em áreas consolidadas.

Na década de 40, de acordo com um exame das tabelas, podemos verificar que MG já se apresentava como centro de origem desses fluxos que iam para regiões como o Rio de Janeiro e São Paulo que eram grandes centros receptores e em menor escala para o Paraná, MT e Goiás que passaram a ser fronteiras agrícolas em expansão, principalmente na década de 50.

O Nordeste, por sua vez já se constituía em região expulsadora de migrantes, principalmente durante a década de 50 devido às graves secas ocorridas. Esses migrantes, durante os anos 50 se dirigiram para os grandes centros receptores (São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná). O Paraná, analisando os fluxos acumulados de 1950 e de 1970, deteve o primeiro lugar como receptor líquido (acréscimo de entradas menos saídas) com o total positivo de 1.543 mil imigrantes e São Paulo, o segundo, com a entrada adicional líquida de 1.359 mil imigrantes, segundo Cano (1).

Na década de 1960, esgotado o processo de ocupação da fronteira maranhense que torna-se expulsadora (saldo negativo de 107,3 mil), resta o final da migração para o Paraná e a intensificação da ocupação dos estados de Goiás e Mato Grosso (2). Entretanto, a maior parte dos migrantes se dirigem para os grandes receptores do Sudeste (SP e RJ).

(1) Cano, Wilson- Tese: Desequilíbrios Regionais e Conc. Industrial no Brasil: 1930-1970- pg 291.

(2) Cano, Wilson e Pacheco, Carlos Américo- SP no limiar do século XXI Perspectivas dos Setores Produtivos 1980-2000 -pg. 16- Agosto 90.

Em relação à década de 60 (ver tabela 3 em anexo) , podemos verificar que a região Nordeste continua a ser a grande região expulsadora de migrantes . Desse contingente que atinge 2.703 mil , 31,76% se dirigem para São Paulo , enquanto aproximadamente 20% se dirige para o Rio de Janeiro . Apenas parte marginal desse contingente se dirige para o Centro-Oeste .Aumenta bastante as saídas do Rio para São Paulo que nesta década de 60 atinge 33.728 mil, sendo superior ao fluxo que partiu de São Paulo em direção ao Rio , que atingiu 18.105 mil . O Estado do Paraná que até a década de 50 acumulava um saldo positivo líquido de migrantes em relação à São Paulo , passa a ter um saldo negativo de 61.527 mil para esse Estado em razão do grande fluxo que se dirigiu para a metrópole (153.729 mil) nesta década , que deixaram o Paraná pela mecanização da soja . Importantes fluxos do Paraná se dirigiram para o Mato Grosso . Minas se apresentou como grande centro de origem das migrações , destacando-se os fluxos que se dirigiram para São Paulo , Paraná , Espírito Santo e Mato Grosso .

Nos anos cinquenta e sessenta ocorreu a ocupação definitiva das últimas regiões de fronteira, uma maior pecuarização do oeste, o deslocamento das áreas de expansão agrícola inicialmente para o Paraná e depois para o Centro-Oeste do Brasil, ao mesmo tempo em que a Região Metropolitana apresentava um intenso crescimento industrial segundo CANO (1).

Na década de 70 ocorreram modificações nas economias regionais que acabaram por destacar São Paulo como principal centro receptor de migrantes. A primeira a destacar e a modernização agrícola do extremo sul do país que provocou a saída líquida de quase 1 milhão de pessoas. Em segundo lugar, houve a permanência de estruturas atrasadas na agro indústria do Nordeste e em Minas Gerais, propiciando um êxodo para outras regiões e também cabe ainda destacar a inflexão econômica do Rio de Janeiro, eliminando sua capacidade de grande receptor e ainda mais o papel de São Paulo.

Cano (1) cita que o Centro-Oeste que algumas unidades passam a apresentar perdas líquidas nos anos 70, enquanto as novas áreas de fronteira situam-se no Norte do país. Cano (2) aponta que o Estado do Pará recebe 272,3 mil migrantes em termos líquidos, mesma ordem de grandeza da migração que se dirigiu para a região de Rondonia.

Para o Norte do país dirigiram-se importantes fluxos provenientes do Nordeste, Paraná, Centro-Oeste e Minas Gerais.

Nos anos 70 as antigas fronteiras do Paraná e Goiás tornam-se expulsoras, apresentando um saldo líquido negativo de 1.106,6 mil migrantes e 56,2 mil migrantes, respectivamente.

Reduz-se sensivelmente a capacidade de reter migrantes no Rio de Janeiro e Distrito Federal na década de 70, o Nordeste continua como a principal região expulsora sendo que o maior contingente (68% dos nordestinos) se dirigiu para São Paulo nos anos 70. Em relação a São Paulo, tem-se saídas reduzidas, sem orientação definida segundo Cano (3).

(1) Cano, Wilson e Pacheco, Carlos Americo: "O Processo de Urbanização do Estado de São Paulo e suas Implicações sobre a Dinâmica Demográfica Regional."

(2) Cano, Wilson e Pacheco, Carlos Americo: "São Paulo no Limiar do Século XXI" - Abril/90.

(3) Cano, Wilson e Pacheco, Carlos Americo: "São Paulo no Limiar do Século XXI: Perspectivas dos Setores Produtivos 1980-2000" - Agosto/90.



## 1.5- A migração nos anos 70

Segundo LUCIA BOGUS o número de municípios aumentou entre 70 e 80 de quase 1% (em 1970 existiam 3.952 municípios, enquanto em 80 passaram a existir 3.991). Esse aumento se deu sobretudo nas regiões em expansão e ocupação: no Norte, onde em 1970 haviam 143 municípios e em 1980, e no Centro-Oeste, onde de 304 municípios em 1970 passou-se a 334 em 1980. O número de municípios manteve-se na década para a região Sudeste, havendo pequena perda nas Regiões Sul e Nordeste.

Segundo MARTINE em seu Texto no. 21, o número de cidades novas que apareceu na década de 70 foi 4,6 vezes maior que aquele registrado na década de 40.

A região Nordeste, por sua vez, continua retendo a maior parcela da população rural, enquanto a região Sudeste apresenta os maiores índices de urbanização.

Na década de 70 a região do Paraná torna-se expulsadora pelo esgotamento das fronteiras agrícolas em virtude da intensa modernização agrícola pela qual passou essa região nas décadas de 50 e 60, apresentando um saldo migratório negativo de 796.621 pessoas.

Há grande perda da população rural nas regiões Sudeste e Sul conforme LUCIA BOGUS.

A região Sudeste apresentou um aumento populacional de 45,47% na década de 60, enquanto que na década 60-70 a Região respondia por 40,84% do incremento da população brasileira.

Os fluxos nessa década de 70 para a Região Sudeste se dão sobretudo para São Paulo, pois o incremento populacional carioca diminuiu.

Conforme LUCIA BOGUS quase 20% da população brasileira se locomoveu especialmente durante a década de 70, sobretudo no Sul e Centro-Oeste. A exceção dos estados da Região Norte, do Rio de Janeiro e São Paulo, na região Sudeste e de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal na Região Centro-Oeste, todos os demais estados brasileiros apresentam saltos migratórios negativos.

Na região Norte 8,27% dos migrantes dirigiram-se ao Nordeste e Centro-Oeste e pouco mais de 7,34% vão para o Sudeste. Em todos os Estados do Norte, os imigrantes dirigiram-se principalmente para o Sudeste, com exceção dos rondonianos que foram para o Centro-Oeste.

O Maranhão começa a receber um contingente migratório que se traduz na entrada de quase 150.000 pessoas na década enquanto 15,07% dos migrantes maranhense dirigiram-se para o Norte.

A região Sul, conforme foi dito anteriormente, apresentou esvaziamento nesta década de 70, sendo que no Paraná esse esvaziamento foi mais elevado, com os paranaenses dirigiram-se sobretudo para as Regiões Sudeste (24,21% dos imigrantes), Centro-Oeste (6,89%) e Norte (3,85%), conforme BOGUS.

Os fluxos da Região Centro-Oeste apresentaram destinos diferencial conforme o estado. Mato Grosso do Sul envia parcelas de sua população para o Sudeste (19,35% dos migrantes na década); Goiás divide seus imigrantes entre os estados do Sudeste (8,84%) e do Norte (6,69%), sem considerar os 12,39% que permanecem nos outros estados da própria região e os 69,59% que se locomovem dentro do espaço goiano. Já em Mato Grosso um percentual elevado (1-,24%) dirige se para a Região Norte. Assim como o Norte, parcela ponderável do Centro-Oeste é constituída de oriundos das outras regiões brasileiras (13,77% da população regional).



## CAPITULO II

### OS MOVIMENTOS MIGRATORIOS INTERREGIONAIS NOS ANOS 80

#### II.1-INTRODUCAO

Cano e Pacheco (1) apontam que inexitem levantamentos adequados da questão migratória no intervalo intercensitário, obrigando que os esforços de estimativa populacional baseiem-se ou em projecoes de tendencias anteriores, ou emcorrecoes destas tendências que tomem por base fenômenos econômicos e sociais ocorridos ou esperados para o período da projecão.

Além das dificuldades em encontrar indicadores indiretos - confiáveis e adequados , devemos acrescentar que na década de 80 nao há um padrao definido de crescimento econômico e fluxos como ocorreu nos anos 70, em virtude das grandes transformações sócio-econômicas ocorridas. A economia brasileira apresentou um desempenho errático e não incorporou uma tendência mais clara na última década .

Os movimentos migratórios dependem do dinamismo e da evolução espacial das atividades produtivas conforme MARTINE(1) e essas atividades sofreram grandes modificações durante os anos 80, decorrentes da oscilação da economia .

Embora os movimentos ou fluxos urbano-urbano sejam predominantes na década de 80, as modificações que ocorreram na zona rural brasileira , como a descentralização fundiária, foi a causa principal dos mais importantes fluxos ocorridos, denotando assim, a importância de um estudo mais profundo sobre o desempenho e as modificações do setor agrícola, que será apresentado a seguir.

A Sinopse do Censo Agropecuário de 1985 revela uma tendência para a minifundização do campo, nos primeiros anos da década de 80 em virtude da grave recessão por que passava o Brasil, havendo uma redução no

processo de modernização agrícola e incorporamento de progresso técnico. Essa tendência desses anos de recessão seria ainda reforçada pelo efeito final da seca nordestina de 1979/83, que promoveu um retorno ao campo de grande número de trabalhadores que faziam parte das frentes de trabalho. Essas pessoas que se empregariam no campo, possivelmente se constituiriam em excedente de mão-de-obra no setor urbano, em razão da conjuntura recessiva. A redução de subsídios agrícolas e de recursos para o investimento parecem ter reduzido o processo de concentração fundiária.

(1) Martine, George, pag. 37; Texto para Discussão n. 21 - "A Urbanização no Brasil: Retrospectiva, Componentes e Perspectivas".



Assim, conforme já foi dito, os primeiros anos da década de 80 foram de grave recessão, ocasionando transformações na agricultura nacional e afetando também o desenvolvimento industrial do Brasil que, apresentou uma queda acentuada do produto e do emprego (em 1983, o emprego na indústria de transformação chega a atingir 76,9% do emprego em 1979 no caso da Grande SAO PAULO).

Os anos intermediários da década de 80 foram de grande crescimento com a recuperação da produção industrial e conseqüente elevação do emprego nos anos 84 e 85. A decretação do Plano Cruzado em 1986 que promoveu um aumento na demanda e, conseqüentemente, da utilização da capacidade instalada nas indústrias. Em relação ao setor agrícola, ocorreu uma melhoria das condições de crédito, induzindo super-safras nos últimos anos. Martine (1989) aponta que houve um início de recuperação econômica a partir do último semestre de 1984, promovido pelos incentivos fornecidos para as exportações do setor industrial e pela dinamização do setor agrícola, que ajudariam a aumentar a oferta interna e equilibraria as contas externas.

Os anos finais da década foram caracterizados por um crescimento econômico precário e por um processo inflacionário que mensalmente atingiria o patamar de duas casas.

Apesar da economia não apresentar uma trajetória definida nos anos 80, podemos verificar que a demografia brasileira se caracterizou pela queda ainda mais acentuada da fecundidade e a mortalidade também tem declinado nesse período (1), conforme veremos no item a seguir.

Do ponto de vista demográfico, a variável que talvez melhor tenha sentido este comportamento errático da economia seja exatamente a migração.

(1) Ver Martine, George e Camargo, Liscio-Projeto ODI/PNUD/CNRH Documento de trabalho n.5-"Crescimento e Distribuição da População Brasileira: Tendências Recentes"- Março de 1983.



## II.2-CARACTERÍSTICAS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA BRASILEIRA

Os componentes demográficos responsáveis pela evolução do ritmo de crescimento da população são a natalidade, a mortalidade e a migração líquida (diferença entre a imigração e a emigração). Como a entrada de imigrantes estrangeiros é mínima desde 1940, o crescimento da população brasileira se deve aos dois primeiros componentes a partir de então.

A mortalidade vem caindo desde o início da década de 40, enquanto a fecundidade apresentava taxas elevadas nas diversas regiões até meados da década de 60. Com isso, a taxa média anual de crescimento da população brasileira passou de 2,4% ao ano na década de 40, para 3,0% na de 50 e 2,9% na década de 60 (1). Nos fins desta última, as taxas de fecundidade começaram a declinar bastante nas diversas regiões, embora a ritmos diferentes. Assim, apesar de apresentarem quedas significativas em suas taxas de fecundidade, o Nordeste e Norte ainda mantém taxas de fecundidade em 1980 equivalentes às aquelas apresentadas pelos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo na década de 30.

As PNADs de 1984 e 1986 revelam que a queda das taxas de fecundidade se acelerou na década de 80, em relação à década anterior, e que as taxas das diversas regiões apresentam uma tendência para uma convergência.

(1) Ver : "Retrato do Brasil Infecundo" in Jornal da Tarde de 6 de junho de 1989.



O declínio da fecundidade não está associado a nenhum processo conjuntural e sim a um processo irreversível que caracteriza uma verdadeira transição demográfica.

Assiste-se ao estreitamento da pirâmide etária, isto é, diminuem o número de pessoas com idade inferior a 10 anos (de 29,3% passa a 26,2% da população total).

O declínio da fecundidade não se deve unicamente às grandes transformações sócio-econômicas ocorridas, tais como: aumento da renda per capita, crescimento da população urbana, diminuição da força de trabalho agrícola e aumento dos setores industriais e de serviços na geração do produto interno, pois diversas regiões que apresentaram grandes quedas nas taxas de fecundidade não tiveram um incorporamento de todas essas transformações (caso do Nordeste, por exemplo). Assim, a queda da fecundidade também é explicada pela grande utilização de anticoncepcionais aliada à elevação da prática do aborto provocado (1). Nas regiões de maior desenvolvimento econômico (Grande São Paulo, por exemplo), a grande incidência do uso de anticoncepcionais antecipou a atual queda generalizada da fecundidade. Nessas áreas mais desenvolvidas, uma série de fatores culturais influenciam as pessoas a fazer um controle de suas proles. Em São Paulo, por exemplo, pesquisas revelam que 62% das mulheres utilizam anticoncepcionais.

(1) Ver MARTINE (1983).



Esse decréscimo nas taxas de fecundidade e mortalidade leva à diminuição da participação relativa de jovens na população, o que acarretará uma diminuição da pressão sobre o mercado de trabalho. Isso levará também a problemas sociais pois, com o envelhecimento da população, haverá um aumento no pagamento de pensões por parte da Previdência Social e o sistema de saúde deverá atender a doenças crônicas de pessoas em idades mais avançadas.

Essa redução da fecundidade teve efeitos sobre a distribuição regional da população brasileira. Primeiramente, a queda no ritmo de crescimento urbano de 5,7% a.a. no período de 1960 para 4,4% no período 1970-80 se deveu à queda da fecundidade. Verificou-se simultaneamente aumento da migração rural para o setor urbano.

Para a década de 80, temos estimativas do comportamento da fecundidade para o Estado de São Paulo através do registro civil para este Estado. Temos que as taxas de fecundidade permaneceram praticamente constantes entre 1980 e 1982.

No período 1982/85 houve um declínio maior que 20% e o nível de fecundidade passou a apontar 2,7 filhos por mulher, o que representa um nível baixo se comparado aos países desenvolvidos nos quais vigoram práticas de controle de natalidade, e as taxas são inferiores a 2 filhos por mulher.

(1) Ver Pacheco e Cano "São Paulo no Limiar do Século XXI" - Relatório Parcial de Demografia - Abril de 1990, p.61.



Em relação à mortalidade, o Estado de São Paulo tem apresentado um decréscimo desde os anos 40, devido às melhorias das condições de habitação e saúde, decorrentes da rápida urbanização e da sua transformação no maior pólo dinâmico industrial do Brasil. A grande queda dos níveis de mortalidade verificou-se na segunda metade dos anos 70 (o mesmo ocorrendo em todas as partes do Brasil), possivelmente pela urbanização que proporcionou melhores recursos para controlar doenças endêmicas que possivelmente não seriam controladas no meio rural.

Os níveis mais elevados de mortalidade das regiões Administrativas do Estado de São Paulo ocorrem nas regiões da Grande São Paulo, Litoral, Vale do Paraíba e Sorocaba. Elas apresentam uma esperança de vida média de 64,4 anos para os homens e de 71,8 anos para as mulheres. As regiões de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Aracatuba e Presidente Prudente são as de menor índice de mortalidade, com uma esperança de vida média de 67,6 anos para os homens e 74,0 anos para as mulheres prevista para 1990.



### II.3- A MIGRAÇÃO NOS ANOS 80 : AS HIPÓTESES MODELOS UTILIZADAS

Os diversos cenários demográficos regionais de Martine, Costa e Figueiredo e Silva, existem hipóteses ligeiramente divergentes quanto ao crescimento vegetativo, mas as diferenças mais importantes decorrem das hipóteses formuladas por esses autores .

As projeções de Martine apontam para dois cenários, sendo que os dois têm a mesma hipótese para crescimento vegetativo, mas apresentam resultados diferentes em virtude das mudanças de domicílio urbano/rural: a população de 1990 nos dois cenários seria de 143,4 milhões de habitantes. Figueiredo e Silva já postula uma população de 148,4 milhões para 1990. Já Costa, em seu cenário de trabalho, indica uma população um pouco superior que atinge 151 milhões nessa data.

Para realizar essas projeções , Costa baseia-se em " extrapolação de funções de saturação ajustadas às proporções de imigrantes de cada categoria observadas nos dois últimos censos " , com os valores anuais passando por um máximo e infletindo no futuro (1) .

As hipóteses desses autores se dirigem para uma desconcentração da atividade econômica a partir da Grande São Paulo, que passou a apresentar um crescimento a níveis inferiores a outras regiões .

(1) Ver Costa, Julho de 1988, p.9



As hipóteses adotadas pelos autores divergem mais quando se tratam dos cenários regionais, pois as regiões apresentam características heterogêneas no comportamento da população, isto é, são constituídas por áreas de atração e áreas de repulsão de população, como ocorre com a região Sudeste.

A seguir, apresento uma comparação das projeções de Costa e Martine para algumas regiões brasileiras para o ano de 1990, de acordo com Pacheco e Cano (1).

- A população da região Norte é pouco superior no cenário de Costa, apresentando 9,5 ou 9,3 milhões de pessoas contra 8,1 milhões no cenário de Martini et alli.
- A região Nordeste apresenta quase a mesma população para os dois autores, com pouco mais de 41 milhões de pessoas, constituindo aproximadamente 28% do total nacional.
- Costa aponta 67,7 milhões de habitantes (45% do total) em seu cenário de trabalho para a região Sudeste, enquanto Martine aponta 61,5 milhões na hipótese II e 62,3 milhões em sua hipótese III.
- Para a região Sul, Costa estima 21,5 milhões de pessoas (cenário de trabalho) ou 20,6 milhões (cenário baixo), enquanto Martine aponta 22,3 milhões em ambas as hipóteses.

(1) Esta comparação está presente nos seguintes 2 textos de Pacheco e Cano de 1990: "São Paulo no Limiar do Século XXI - Relatório Parcial de Demografia (Abril de 1990)" e "São Paulo no Limiar do Século XXI" - Perspectivas dos Setores Produtivos 1980 - 2000, Agosto de 1990.

Costa estima 10,5 milhões de habitantes para o Centro - Oeste, enquanto Martine em suas hipóteses espera por 9,6 milhões de pessoas para esta região em suas projeções para 1990.

A seguir está a tabela da População Total Esperada por Região segundo as hipóteses H2 e H3, e o cenário de trabalho de Costa .

Brasil e Grandes Regiões 1985-2000

( em 1000 hab )

Regiões	1990		2000	
	H2	H3	H2	H3
Norte	8128.3	8128.3	10511.9	10551.9
Nordeste	41855.8	41158.4	48984.6	46717.9
Sudeste	61530.3	62292.0	72867.9	75112.0
Sul	22276.1	22276.1	25242.4	25242.4
C.Oeste	9558.3	9558.3	11319.5	11319.5
TOTAL	143348.8	143413.2	168926.3	168911.6

Fonte: Martine G. et alli. , " A Urbanização no Brasil :Retrospectiva , Componentes e Perspectivas" , Texto para Discussão n. 21 , outubro/89 , p.48 .



TABELA 2.3.A

CENARIOS DEMOGRAFICOS DO BRASIL E REGIOES ATE O ANO 2005  
(Mil pessoas)

REGIAO CENARIO		ANO					
		1980	1985	1990	1995	2000	2005
BRA	Trabalho	118505	133872	151047	169274	188296	208069
	Baixo		131875	146516	161091	175408	189326
NO	Trabalho	5833	7495	9542	11754	14174	16747
	Baixo		7436	9289	11168	13080	15041
NE	Trabalho	34648	37892	41457	45243	48954	52281
	Baixo		37782	41039	43962	46343	48279
SE	Trabalho	51555	59017	67672	76714	86477	97002
	Baixo		58557	66109	73898	82174	90848
SU	Trabalho	18959	20173	21505	22754	23950	25067
	Baixo		19871	20628	21238	21737	22122
CO	Trabalho	7510	8925	10528	12298	14265	16427
	Baixo		8791	10118	11501	12922	14728

Nota: População referida a 1 de julho .

FONTE : COSTA, Manoel Augusto. Cenários Demográficos Regionais até 2005, texto para Discussão n. 146, Rio de Janeiro, Junho de 1988 in Cano e Pacheco (Agosto de 1990) .

Serão apresentados agora algumas críticas acerca das hipóteses de Martine (1) contidas na tabela 2.3.c. de seu trabalho , para a década de 1980 , de acordo com Cano e Pacheco (2 e 3) :

- a) Martine aponta para a manutenção das taxas líquidas de migração para os fluxos Norte Rural/ Norte Urbano e Nordeste Rural/ Centro-Oeste Urbano.
- b) Para os fluxos Nordeste Rural/ Nordeste Urbano e Centro-Oeste Rural/ Centro-Oeste Urbano Martine aponta para uma redução de 10% e de 12% para os fluxos entre Sudeste Rural/ Sudeste Urbano. É aceitável a hipótese em relação à redução da emigração do Nordeste Rural, pois ocorreu um desenvolvimento da agricultura de cerrados da Bahia, e ainda assistiu-se à maturação de investimentos realizados pelo Governo que provavelmente ajudam a reter população. Em relação ao Sudeste, é provável que o inchaço excessivo das grandes cidades e as mais difíceis ofertas de bons empregos em consequência, proporciona a redução do fluxo rural/urbano.
- c) As maiores reduções das taxas líquidas de migração (33%) propostas por Martine ficam para estes fluxos : Nordeste Urbano/ Sudeste Urbano e Nordeste Rural/ Sudeste Urbano." A forma de agregação problematiza até mesmo a hipótese , ao incluir Bahia e Maranhão no Nordeste , e trabalhar o conjunto Sudeste de forma compacta " , segundo Pacheco e Cano.
- d) Pressupõe-se a redução pela metade para os fluxos Sul Rural/ Sul Urbano , Sul Rural/ Sudeste Urbano , Sul Rural/Norte Rural , Sul Rural/ Norte Urbano e Sul Rural/Centro-Oeste Urbano.

Assim, estas hipóteses sugerem que analisemos as transformações econômicas da década, tais como a evolução da agricultura e da indústria.

(1) Martine. G. (89) et alli.

(2) Cano e Pacheco (Abril de 1990).

(3) Cano e Pacheco (Agosto de 1990).



## II.4 - OS INDICADORES ECONOMICOS :

### II.4.1 - O Desempenho Agrícola Recente

Embora os fluxos urbano-urbano sejam crescentemente predominantes no conjunto da migração nacional ao longo da última década, Cano e Pacheco (1) apontam que as transformações pelas quais passaram a agricultura brasileira foram a causa principal da maior parte dos fluxos migratórios. Assim, torna-se importante fazer uma descrição sobre a evolução da agricultura brasileira no período recente.

A década de 70 foi caracterizada por grande modernização do campo brasileiro. Entretanto, essa modernização foi parcial, isto é, atingiu alguns produtos, regiões ou certas fases da produção; os grandes produtores geralmente foram os beneficiados. A região Centro-Sul foi a que mais se modernizou, enquanto no Nordeste houve "manchas de modernização". Alguns pequenos também se modernizaram, conseguindo a incorporação de progresso técnico.

(1) Cano, Wilson e Pacheco, Carlos Américo: "São Paulo no Limiar do Século XXI - " Relatório Parcial de Demografia - Abril/90.



Houve processos de concentração da propriedade e da renda , de uma forma geral , entre 1970 e 80 na agricultura brasileira . Esses processos levaram ao aparecimento do "bóia-fria" no campo , fazendo com que se acirrasse a sazonalidade do trabalho agrícola . Passam a prevalecer as formas assalariadas de trabalho , tornando-se , assim , um trabalho totalmente capitalista (1).

O Índice de Giny que mede a concentração de terras , revela que cresceu a participação dos grandes estabelecimentos no campo brasileiro em geral, enquanto que em São Paulo as áreas muito grandes perdem participação .

Nos anos 70 cresceram as áreas com lavouras permanentes (café, laranja, batata ) e mais ainda as temporárias (milho, feijão, arroz), proporcionando um acréscimo de 25% das áreas ocupadas por culturas .

(1) Ver Kageyama, A.A. e Silva, J.F.G. , Os Resultados da modernização agrícola dos anos 70 . In: Unicamp - 13:3 textos sobre economia agrícola s.n.t., 1986, p.1-37 .

Enquanto os Censos Agropecuários da década de 70 indicavam uma concentração das propriedades, incorporação de progresso técnico, avanço do número de pessoas que migraram do campo para as cidades, processos esses decorrentes da modernização agrícola daquela década; a Sinopse de 1985 aponta para uma certa desconcentração da propriedade, com uma pequena incorporação de novas áreas. Isto decorre da redução da modernização agrícola nos primeiros anos da década de 80, que levou a um incremento do número de minifúndios nos campos brasileiros (1).

O número de pequenos estabelecimentos aumentou em 13,1% nos 5 primeiros anos da década de 80 e aqueles menores que 10 hectares tiveram acréscimo de 18,8%, com 488 mil novos estabelecimentos localizados principalmente no Nordeste (68% do total).

O crescimento da áreas cultivadas no 1. quinquênio de 80 foi de apenas 3,2 milhões de hectares, valor que se mostra pequeno se comparado aos 15 milhões de hectares cultivados acrescidos na década de 70 .

Desse incremento de área cultivada entre 1979/81 e 1986/88, 1.440 mil localizam-se na Bahia, 1.200 mil em Mato Grosso, e outros aumentos menores registraram-se em São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gérias e região Norte.

(1) Cano , Wison e Pacheco , Carlos Américo : " São Paulo no Limiar do Século XXI - Relatório Parcial de Demografia - Abril (1990).

O pessoal ocupado nos estabelecimentos aumentou em 10% no primeiro quinquênio dos anos 80, perfazendo um aumento de 2,1 milhões de novos ocupados, dos quais 1,4 milhões se fixaram nos estabelecimentos com menos de 10 hectares, o que corresponde a 67% dos novos empregados .

As áreas de pastagens naturais reduzem-se de 10 milhões na década de 70, ao passo que as áreas cultivadas aumentam de 30,1 milhões . Essa tendência persiste no 1. quinquênio da década de 80, sendo que as pastagens naturais diminuem de 8,4 milhões de hectares, enquanto as áreas cultivadas se elevam de 13,9 milhões (1).

Essa redução da área de pastagens vem acompanhada pelo menor avanço da pecuária em nosso país , pois na segunda metade da década de 70 o rebanho bovino aumentou de 16,4 milhões de cabeças e, entre 1980 e 1985, esse crescimento declinou para apenas 9,5 milhões de cabeças, sendo que este último avanço ocorreu sobretudo no Centro-Oeste, com 6,3 milhões de cabeças, (66% do acréscimo) e Norte com 1,4 milhões (15% do acréscimo) .

(1) Ver Cano e Pacheco - " São Paulo no Limiar do Século XXI " - Relatório Parcial de Demografia - p.33 .

Os cinco anos finais da década de 70 revelam que houve um acréscimo de 41 milhões de hectares na área global dos estabelecimentos . Já no 1. quinquênio dos anos 80 , essa área aumentou de apenas 11,4 milhões de hectares, devido à grave crise por que passou nosso país . Tomaram parte desse acréscimo o Pará (3,1 milhões) , Bahia (3,5 milhões) , Mato Grosso (3,4 milhões) , Rondônia (870 mil) e Paraná (1.110 mil ha) , revelando que o avanço da fronteira agrícola se restringiu a porções da região Norte e ao Mato Grosso (1).

O Nordeste retrata um quadro de grande pobreza e atraso em relação a outras regiões pois , em 1985 , cerca de 45% do pessoal ocupado na agricultura do país se encontrava nessa região , sobretudo em minifúndios (63,3%) , enquanto que não respondiam sequer por 20% da produção gerada por este setor no Brasil . Esse cenário revela que há uma distribuição desigual de progresso técnico e renda entre as regiões, fazendo com que haja regiões cujos trabalhos ainda permanecem em condições precárias e com uma pequena produtividade se comparada às regiões mais desenvolvidas.

(1) Ver Cano e Pacheco (Agosto 1990) - p.31 .



## II.4.2 - O DESEMPENHO DA INDÚSTRIA

O início da década de 70 correspondeu ao período do milagre (1968/73), durante o qual o Brasil apresentou grande crescimento econômico. A partir de 1974, o Brasil entrou numa fase de desaceleração da economia que se agravou no início dos anos 80, com uma grande recessão.

A expansão da economia no período do "milagre econômico" foi motivada pelas políticas fiscais, monetária e de endividamento aplicadas e pelo cenário favorável da economia internacional (1) que propiciou ao Brasil aumentar e diversificar as suas exportações, motivadas também pela política de minidesvalorizações cambiais utilizada no fim dos anos 60 (aumenta o peso das exportações de bens manufaturados na pauta que passa de 10,5 % em 1968 para 23,1% em 1973 e atinge 44,9% em 1980). A liderança desse período coube à indústria de transformação, cujos setores mais dinâmicos foram os de bens de capital e de bens de consumo duráveis.

A indústria petroquímica instalou-se nos primeiros anos da década de 70 sob a coordenação do Estado, contribuindo decisivamente para a modernização e expansão do setor industrial; ao final da década, no contexto do II PND, tem-se, também um aumento na produção de insumos básicos tais como o petróleo, papel e celulose, produtos químicos, metais não ferrosos (alumínio, cobre, zinco e níquel) e fertilizantes (2). A modernização da indústria brasileira também foi impulsionada pela expansão da participação de produtos agrícolas processados na pauta de exportações para cujos produtos (suco de laranja, farelos, óleos vegetais, soja e derivados, carna de frango) o mercado estrangeiro requeria alta qualidade e adequados padrões higiênicos. A expansão e diversificação da exportação desses produtos agroindustriais fez com que estes atinjam a importante cifra de 33,4 % do total da pauta no ano de 1980, passando a representar 39,7 % do total da pauta em 1984.

(2) Ver: Negri, Barjas - "Diagnóstico Setorial: A Indústria de Transformação do Estado de São Paulo (1970-1980)", mimeo 1990, p.9.



O período 1974/80 é marcado pela desaceleração da economia e por dois choques do petróleo, agravando nossa balança de pagamentos que já apresentava uma grande importação de bens de capital. Este é o contexto de implementação do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) que tinha como objetivos fundamentais :

1 - Substituir as importações de bens de capital e insumos básicos como máquinas e equipamentos, produtos químicos e siderúrgicos, metais não ferrosos e minerais não metálicos.

2 - Implantar grandes projetos para exportação de insumos industriais, tais como : celulose, ferro, alumínio e aço.

3 - Elevar a produção interna de petróleo e de geração de energia elétrica, sendo que o primeiro tinha como objetivo diminuir a dependência em relação ao petróleo produzido no Oriente Médio que havia sofrido uma grande alta de preços em 1974.

4 - Desenvolver o sistema de transportes rodoviário e ferroviário para permitir uma maior interligação entre as regiões, facilitando assim, o escoamento da produção de seu lugar de origem para o seu destino e também permitindo uma maior mobilidade populacional inter-regiões. O sistema de telecomunicações também teve um grande desenvolvimento.

Devido ao alto custo desse projeto, ele só foi parcialmente implantado, com destaque para a substituição de importações de bens intermediários que impulsionou a indústria nacional de bens de capital segundo Negri (1990). Assim, apesar do período de desaceleração da economia, o crescimento da indústria de transformação não sofreu uma grande redução na segunda metade dos anos 70 pela maturação dos projetos que faziam parte do II PND, que impulsionou a indústria de construção civil e a indústria de bens de consumo durável (1). Criou-se também o Proálcool, o que promoveu grande ampliação na produção nacional de álcool, que causou aumento na demanda de produtos químicos e máquinas para a lavoura canavieira.

Ampliou-se a integração econômica entre as regiões brasileiras nesse período, com o declínio da concentração industrial de São Paulo em relação às outras regiões, apesar da sua indústria ter atravessado um grande crescimento e modernização nos anos 70 (2). Foi a indústria do Rio de Janeiro a que perdeu mais na participação relativa na produção industrial nacional total. A Região Norte, por sua vez, passou a ter maior importância com a implantação da indústria eletrônica na Zona Franco de Manaus nos anos 80, enquanto que no Nordeste, o Estado da Bahia foi o que apresentou as maiores taxas de crescimento industrial segundo Negri (1990).



A indústria paulista continuou como líder no país, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, sendo que a indústria química foi a que teve maior crescimento na participação relativa da produção do Estado, passando de 9,3% para 14,9%; seguindo-se a indústria mecânica.

(1) Apesar da diversificação das exportações de bens duráveis para setores como têxteis, calçados, artigos de couro, alimentos e vestuário, o volume total de exportações declinou em relação ao período anterior e se manteve abaixo da taxa de crescimento do PIB.

(2) A indústria brasileira apresentou uma taxa média de crescimento de 9,0% ao ano nos anos 70, enquanto a indústria de São Paulo cresceu 8,0% ao ano.

(3) Negri, Barjas - Diagnóstico Setorial: "A Indústria de Transformação do Estado de São Paulo (1970 - 1989)".

Na década de 80 , a indústria de transformação brasileira teve um crescimento acumulado de apenas 7,8% entre 1980 e 1989 em decorrência da grave crise dos três primeiros anos desse período e também do crescimento relativamente baixo nos três últimos anos .

O período 1981/83 de grande crise , presenciou a mais profunda recessão industrial no Brasil , sendo que a nossa produção industrial caiu mais de 16% e os níveis de investimentos caíram à metade devido ao choque ortodoxo da economia que promoveu cortes nos salários e nos investimentos público e privado . A balança comercial apresentou um superávit de 6,4 bilhões de dólares em 1983 , decorrente do acréscimo das exportações e do corte drástico das importações , conforme Negri (1990) . O peso do emprego industrial chegou a reduzir-se em cerca de 3% (1) .

Já no período 1984/85, a indústria brasileira apresenta uma recuperação através da expansão das exportações embora o peso do emprego industrial ainda mantinha-se abaixo dos níveis registrados em 1979 (ver tabela 2.4.a) ; ao mesmo tempo ampliava-se o peso das atividades relacionadas ao setor terciário da economia .

Tabela 2.4.a.

INDICES DE EMPREGO DA INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO  
BRASIL E REGIOES - 1979/88 (1979=100)

Regioes	1981	1983	1986	1988
Nordeste	101.0	100.1	125.1	127.1
Bahia	96.7	90.3	102.0	98.7
Minas Gerais	93.1	78.4	101.2	96.7
Rio de Janeiro	89.7	80.0	95.5	91.3
Sao Paulo	89.5	81.7	107.7	100.6
Reg.Metrop.	86.1	76.9	102.0	93.6
Interior	96.1	90.8	118.5	114.0
Sul	96.8	91.1	112.8	109.3
* Brasil	92.5	85.7	109.6	104.7

Fonte: Ministério do Trabalho/CERAT-"Evolução do Emprego e dos Salários no Setor Organ. no Período 1980/88 e Censo com base no Painel da RAIS (1979=100).

Com o advento do Plano Cruzado, em 1986, e o reaquecimento da demanda interna devido ao congelamento de preços e melhoria dos salários, a indústria brasileira apresentou um crescimento de 11,3 %, liderada pelas indústrias produtoras de bens de capital e de bens de consumo durável .

(1) Ver Cano, WILSON e Pacheco, Carlos Américo em " São Paulo no Limiar do Século XXI :Perspectivas dos Setores Produtivos 1980-2000 ", Agosto de 1990, p.44 .



Índices de Crescimento do Valor da Transformação Industrial  
da Indústria de Transformação do Brasil, Estados e Regiões  
Selecionadas - 1980 / 89 .

Brasil, Estados e Regiões Selecionadas	1980/83 1980=100	1983/86 1983=100	1986/89 1986=100	1980/89 1980=100
Brasil	83,8	127,8	100,6	107,8
Região Nordeste	95,0	119,7	98,3	111,8
Minas Gerais	89,7	124,3	105,2	117,3
Rio de Janeiro	87,6	118,3	104,5	108,3
São Paulo	80,2	128,3	98,7	101,6
Região Sul	87,7	127,9	102,1	114,6

Fonte dos Dados Brutos : FIBGE - PRODUÇÃO INDUSTRIAL : 1980/89 in  
Negri, Barjas, "A Indústria de Transformação no Estado de São  
Paulo, pg.27.



Algumas regiões brasileiras, menos afetadas pela crise, como as regiões Nordeste, Sul e Minas Gerais apresentaram, em 1985, índices de produção industrial que superavam os assinalados em 1980 (1).

O processo hiperinflacionário dos anos finais da década de 80 e o esgotamento da capacidade produtiva por falta de investimentos contribuíram para que a indústria brasileira permanecesse praticamente estagnada no triênio 1987/89.

(1) Ver Negri, Barjas(1990).



## II.5 - FLUXOS MIGRATORIOS NOS ANOS 80

A ausência de informações sobre a migração nos anos 80 nos leva a utilizar os indicadores indiretos. Destes, um dos disponíveis e que nos permite analisar a migração inter-regional nesse período é o Cadastro Eleitoral .

O cadastro apresenta problemas nas estimativas decorrentes de leis que se alteraram na década permitindo o alistamento de menores de 18 anos e analfabetos , ponderações excessivas para as áreas urbanas , especialmente as metropolitanas .

A PNAD DE 1988 resolve esses problemas e trata do perfil dos eleitores brasileiros, permitindo usar os dados do cadastro eleitoral para estimar o cenário demográfico do Brasil nesta década .



Assim, vamos analisar o resultado da Pnad/Cadastro através da tabela 2.5.a. abaixo :

ESTIMATIVAS AJUSTADAS DA POPULACAO REGIONAL  
COM BASE NO REGISTRO ELEITORAL

---

	1980	1990	Tx. cresc.
Norte	5880.6	8413.2	3,6%
Nordeste	34815.8	42937.2	2,1%
NE-(MAeBA)	21363.5	26269.1	2,1%
Maranhão	3996.6	5127.9	2,5%
Bahia	9455.7	11521.5	2,0%
Sudeste	51737.8	59745.3	1,4%
MG	13380.1	15848.5	1,7%
ES	2023.3	2673.4	2,8%
RJ	11291.6	12370.9	9,2%
SP	25042.8	29014.9	1,5%
Sul	19031.9	22165.6	1,5%
PR	7629.9	9079.4	1,8%
SC	3628.3	4433.9	2,0%
RS	7773.7	8686.6	1,1%
Centro Oeste	7545.8	10087.4	2,9%
Goiás	3860.2	4833.1	2,3%
MT	1138.9	2183.2	6,7%
MT do SUL	1369.8	1857.2	3,1%
DF	1176.9	1323.7	1,2%
Brasil	119011.2	143348.8	1,9%

---

Podemos verificar que há uma tendência para uma maior taxa de crescimento das regiões Norte, Centro Oeste e Nordeste nos anos 80. A tendência é de uma taxa de crescimento inferior para as regiões Sudeste e Sul. Isto não quer dizer que São Paulo cresceu menos que a Bahia nos anos 80; são resultados tendenciais e, por isso, sujeitos à erros.

Essa tendência à maior taxa de crescimento apresentada pela região Norte se deve ao crescimento urbano acentuado ocorrido nessa região, influenciado pelo bom desempenho da Zona Franca de Manaus e pelo avanço da fronteira de Rondônia.

No Nordeste, o avanço agrícola do cerrado baiano e a maturação de uma série de investimentos governamentais em infra-estrutura e crescimento de serviços urbanos explicam um aumento na capacidade de reter excedente populacional, o que contribui para esta tendência alta na taxa de crescimento. Estima-se que a maior taxa de crescimento da região ocorreria no Maranhão e a Bahia teria uma taxa menor; esta última é caracterizada por saldos migratórios negativos.

Já a região Centro Oeste apresentaria também uma tendência para uma alta de crescimento, que seria influenciado sobretudo por Mato Grosso que, conforme a tabela, apresenta uma taxa de crescimento muito alta. Conforme dito, isto é possível de se ter incorrido em erro, já que esta taxa representa um valor muito superior aos das outras regiões. O avanço dos cerrados nos anos 80 e o aumento das exportações dessa região contribuíram para o aumento da renda rural e para o desenvolvimento urbano, o que ajudaria a reter maior contingente populacional e explicar uma taxa de crescimento mais acentuada.

A região Sul, segundo a tabela, tenderia a apresentar uma baixa taxa de crescimento. Isto pode ser confirmado pois o Rio Grande do Sul que passou por dificuldades econômicas e Santa Catarina, apresentaram uma tendência à saída de migrantes. O fato de a tabela apresentar uma taxa de crescimento para o Paraná menor que a apresentada por Santa Catarina pode não se confirmar pois, de acordo com Cano e Pacheco (1), reverteu-se a situação expulsadora do Paraná no início dos anos 80, o qual chegou a ter pequena migração de retorno.

A região Sudeste tenderia a apresentar taxas baixas de crescimento nos anos 80. Destaca-se o caso do Rio de Janeiro que era grande centro de atração de fluxos migratórios e passa a ser grande expulsador, apresentando saldos migratórios tendendo a valores quase nulos na década de 80, embora ocorresse um grande adensamento populacional na Baixada Fluminense. Isto pode explicar o fato de este Estado apresentar a

tendência à menor taxa de crescimento populacional nesse período, conforme a tabela 2.5.a. Segundo esta, o Espírito Santo é que tenderia a ter maior taxa de crescimento populacional nesta região. Este é o estado com menor população na região Sudeste e nele ocorreu grande urbanização que ajudou a atrair fluxos migratórios. Minas tenderia a apresentar, conforme a tabela 2.5.a., uma taxa de crescimento populacional quase que semelhante à São Paulo, a ser explicada principalmente pelo grande desenvolvimento industrial que contribuiu para a aceleração da urbanização que reteria excedentes populacionais.

(1) Ver Cano e Pacheco in " São Paulo no Limiar do Século XXI - Perspectivas dos Setores Produtivos 1980-2000 ", pg.50, Agosto de 1990.

Na década de 80 , têm-se como certo que houve um decréscimo nas taxas de migração em relação à década de 70 , conforme Cano e Pacheco (1). Espera-se também que as maiores taxas médias de migração da década de 80 encontram-se no Maranhão e no Agregado Nordeste menos Bahia e Maranhão.

Baixas taxas de crescimento são as da região Sudeste , com destaque para São Paulo e , principalmente para o Rio de Janeiro que deixa esquecida a sua denominação de " cidade maravilhosa " e grande centro turístico até a década de 70 , para ser na década de 80 um Estado com seríssimos problemas de infra-estrutura , sofrendo com o problema das inundações e especialmente com a violência.

As projeções do IBGE indicam a continuidade de fortes migrações no sentido Nordeste / Sudeste , enquanto as projeções da PNAD/Cadastro Eleitoral revelam um sentido contrário .

(1) Ver Cano e Pacheco - Agosto de 1990 .



## II.5.1- A DINÂMICA DEMOGRÁFICA DE ESTADO DE SÃO PAULO

Em relação à dinâmica demográfica de São Paulo da década de 80 , temos que houve uma queda da fecundidade de 3,4 filhos em 1980 para 2,68 filhos por mulher em 1985 , destacando-se Sorocaba que apresenta a taxa de fecundidade mais alta do Estado .

A PED (1) confirma , em parte, que para a Grande São Paulo houve um pequeno acréscimo do número de migrantes com menos de um ano na Região Metropolitana , embora tenha decaído o número total de migrantes na população e apenas cerca da metade permanece na grande metrópole ; os outros se dirigem para as regiões do interior do Estado que mais se desenvolvem.

(1) A PED é a Pesquisa de Emprego e Desemprego do SEADE/DIEESE a partir de 1985 tem informações sobre migração para a Região METROPOLITANA, classificando os migrantes segundo tempo de residência e local de origem.



O desempenho da economia paulista e das outras economias regionais que também foram afetadas pelos anos iniciais de crise na década de 80, contribuíram para reduzir a migração para o Estado, apesar dos fluxos ainda serem elevados nesta década conforme as hipóteses de migração. Essa redução se fez verificar principalmente em direção à área metropolitana, decorrente do desemprego e crise social que afetaram seriamente a região durante a recessão.

Neste período de crise (1980/83), o produto industrial do Estado cai em 18,5 %, enquanto a renda per capita sofre uma redução de 14,3 %, efeitos esses que se fazem sentir no final da década conforme os indicadores econômicos que revelam que o produto per capita paulista reduz-se em termos absolutos, enquanto o PIB estadual cresce a uma taxa média de apenas 2,1 % ao ano, conforme Cano (1990).

O crescimento econômico verificado entre 1984/86 impulsionado pela expansão das exportações que encontrou um cenário internacional favorável não foi suficiente para que o Brasil recuperasse o mesmo nível de crescimento das décadas anteriores, onde o PIB crescia a uma taxa média de 6,9 % ao ano.

Como um dos efeitos da crise na economia paulista, temos que a indústria, que contribuía com mais da metade do PIB em 1980, reduz sua participação para 43 % em 1988, ao passo que a agricultura paulista cresceu em média 2,1 % ao ano, entre 1980 e 1988, com melhor desempenho nos cinco primeiros anos.

Dentre os setores agrícolas que se destacaram no Estado de São Paulo cabe destacar que houve grande ampliação das lavouras de exportação como a da laranja, sobretudo na região de Limeira que é o maior centro produtor de suco de laranja concentrado, o qual encontrou crescentes parcelas consumidoras no mercado internacional. Os principais países consumidores do suco de laranja concentrado brasileiro são os Estados Unidos (devido às nevascas que ocorrem no inverno atingindo as plantações da Flórida, ocasionando quebra nas safras de laranja), Países Baixos, Bélgica, Canadá e Alemanha Ocidental. Houve também um avanço na plantação de cana-de-açúcar devido à maturação do proálcool.

A restrição do crédito contribuiu para desacelerar o processo de concentração fundiária que estava se realizando, bem como reduziu a destruição dos minifúndios.



Nestes anos, o setor que mais cresceu foi o terciário, com taxas de 4,2 % ao ano, entre 1980 e 1988. Esse crescimento esteve apoiado no grande desenvolvimento da rede urbana estadual e na hipertrofia do setor financeiro que foi decorrente da aceleração da inflação, principalmente nos anos finais da década.

Além de ter um baixo crescimento nos anos 80, a indústria paulista se expandiu em direção ao interior, conforme mencionado anteriormente, apresentando uma desconcentração a partir da Grande São Paulo.

Campolina (1) aponta que a redução significativa da participação de São Paulo na produção de bens e na receita, não foi acompanhada por uma queda da participação no emprego e na população em razão da força de atração das grandes cidades, das brechas do setor informal e da transferência inter-regional de renda.

Cano, entretanto, aponta que só a Grande São Paulo perdeu posição na concentração industrial, enquanto o resto do Estado aumentou sua participação nacional de 17,1 % para 22,9 %. Esse ganho, contudo, não superou a perda da Grande São Paulo.

Em relação à descentralização, Martine (1) destaca três pontos básicos:

- 1 - A descentralização afetou não somente a região imediatamente ligada à São Paulo, mas segmentos importantes do território nacional.

- 2 - A descentralização foi produzida, em parte, pelas políticas federais de impacto regional e, em parte maior, pelas leis de mercado.

- 3 - A desconcentração de atividades econômicas está produzindo um crescimento demográfico da Grande São Paulo um pouco menos acelerado do que se a concentração tivesse continuado de forma linear.

(1) Campolina, Clélio D. - Alterações Recentes na Distribuição Espacial das Atividades Econômicas no Brasil. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1987. Mimeo.

(2) Ver Martine, George - A Urbanização no Brasil: Retrospectiva, Componentes e Perspectivas, Outubro de 1989.



Na época da crise há um decréscimo da migração inter-regional, a qual se eleva no segundo quinquênio da década de 80, impulsionada pela recuperação da economia.

Em relação aos fluxos de entrada em São Paulo, há uma grande redução dos fluxos migratórios com origem no Paraná, uma redução menor dos fluxos a partir de Minas Gerais e Bahia e uma pequeníssima redução ou mesmo a manutenção das taxas migratórias do Nordeste.

Com base nestas hipóteses, Cano e Facheco apontam que o Estado de São Paulo apresenta um saldo líquido de 2390 mil migrantes nos anos 80 e sua população cresceu em média 2,7 % ao ano, conforme Cano (1990) chegando a atingir a cifra de 32700 mil habitantes em 1990, com as maiores taxas de crescimento estimadas para as regiões do Vale do Paraíba, Sorocaba, Campinas e Ribeirão Preto.



### Conclusão :

Os anos 70 e 80 foram marcados por grandes transformações demográficas, caracterizadas pela queda efetiva da fecundidade nas diversas regiões do Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste e também pelo decréscimo da taxa de mortalidade, resultante das melhores condições de vida da população (em termos de saúde e habitação, resultantes do intenso processo de urbanização ocorrido nestas décadas) .

Há o esgotamento das antigas fronteiras agrícolas como a região do Paraná e as novas áreas de fronteira passam a se situar no Norte do País. Há também a área fronteiriça do Mato Grosso (englobando tanto Mato Grosso como Mato Grosso do Sul) que só na década de 70 apresenta um saldo líquido de 274 mil migrantes, se constituindo na região que apresenta a maior taxa de crescimento populacional na década de 80 .

Esse intenso processo de urbanização que ocorreu sobretudo nas grandes áreas Metropolitanas do Sudeste, levou para esta região o maior complexo industrial do país que se instalaria no eixo Rio-São Paulo, região que passa a se constituir no pólo dinâmico da economia brasileira .

A indústria de transformação teve grande crescimento na década de 70, mas esse crescimento tem sensível redução nos anos 80, em decorrência da grave crise decorrente dos três primeiros anos dessa década . A economia volta a se recuperar em 1984 através da expansão das exportações, sobretudo de produtos agroindustriais que encontram então, um mercado internacional receptivo para os seus produtos .

A indústria paulista, por sua vez, sofre grandes abalos com essa crise e tem seu peso diminuído no PIB produzido pela indústria brasileira, ocorrendo uma descentralização industrial a partir da Grande São Paulo .

Nosso país continua apresentando grandes desigualdades regionais econômicas e sociais, com regiões como o Nordeste onde há ainda elevado índice de mortalidade em virtude da subnutrição . O Nordeste ainda se apresenta com grande parcela da sua população vivendo na área rural, enquanto apresenta apenas três metrópoles e um grande número de pequenas cidades com um ritmo reduzido de desenvolvimento .

Já a região Sudeste tem a maior parte da sua população na área urbana , concentrando-se nas atividades industriais ou no setor terciário, apresentando baixos níveis de fecundidade e mortalidade, próximos a países desenvolvidos .

Os principais cenários indicam nos anos 80 uma tendência ao maior crescimento populacional das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste , ao passo que as regiões Sudeste e Sul tendem a ter baixas taxas de crescimento nesse período.

As regiões Norte e Centro Oeste acompanham a tendência nacional para a rápida concentração populacional em grandes cidades, enquanto a região Sul continua tendo uma rede urbana mais equilibrada, com uma estrutura econômica diversificada .

As áreas rurais do Nordeste continuam absorvendo uma parcela cada vez maior da população rural brasileira .

Estima-se que haja um agravamento das desigualdades regionais entre o Nordeste e o Sudeste, com o primeiro cada vez mais ruralizada e a segunda mais moderna e urbanizada .

## Bibliografia

- 1- Cano, Prof. Dr. Wilson e Pacheco, Carlos Américo em São Paulo no Limiar do Século XXI - Relatório Parcial de Demografia, Abril, 1990.
- 2- Bogus, Lúcia Maria Machado em redistribuição Espacial e Fluxos nos Anos Setenta.
- 3- Martine, George em A urbanização no Brasil: Restrospectiva, Componentes e Perspectivas. Outubro de 1990.
- 4- Costa, Manoel Augusto em Migrações Interestaduais no Brasil, 1950\80 Texto para Discução Interna n.o 144 - Junho de 1988.
- 5- Graham, Douglas H. e Buarque de Holanda, sérgio filho em Migrações internas no Brasil: 1872-1970 - IFE-USP 1984.
- 6- Mombeig, Pierre em Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo, Editora Hucitec e Editora Polis, 1984.
- 7- Cano, Prof. Dr. Wilson e Pacheco, Carlos Américo em São Paulo no Limiar do século XXI: Ferpectivas dos Setores Produtivos 1980-2000, Agosto de 1990.
- 8- Negri, Barjas em A Industria de Transformação no Estado de São Paulo (1970-1980) , Agosto de 1990 .
- 9- Campolina, Clélio D. - Alterações Recentes na Distribuição Espacial das Atividades Econômicas no Brasil. Belo Horizonte : CEDEPLAR, 1987. mimeo.
- 10- Cano, Wilson em Raizes da Concentração Industrial em São Paulo, 1975.

MOVIMENTO MIGRATORIO INTER-REGIONAL -FLUXO ACUMULADO ATE 1940

DESTINO/ ORIGEM	N	MA	NE	MG	ES	RJ+GB	SP	PR	SC	RS	MT+GO	TOTAL das SAIDAS
N	----	6023	11203	662	238	18679	2869	340	176	413	4648	45251
MA	16069	----	15753	493	79	6209	960	103	63	131	37332	77192
NE	98942	123040	----	71028	11491	142865	245967	8391	1348	3178	65715	771875
MG	337	98	40781	----	54346	213654	348676	40749	494	1414	78582	778861
ES	52	41	914	22745	----	31132	3098	637	76	253	145	59093
RJ+GB	1365	299	5514	47659	38404	----	70145	5022	1247	3747	2162	175564
SP	396	93	3216	42172	1043	47966	----	115299	2001	4499	14616	231300
PR	58	9	459	767	67	5342	26384	----	25863	2731	977	62657
SC	67	24	354	388	95	7735	9754	28428	----	13959	646	61450
RS	302	83	1307	1394	208	19148	9109	14800	76394	----	8382	131127
MT+GO	4469	1309	1127	8255	92	5667	9546	748	188	8020	----	39421
TOTAL de ENTRADAS	122057	131019	80627	195743	106063	498397	726238	214247	107850	38345	213205	2433791

Fonte:(Dados Brutos):IBGE-Censos Demograficos in Cano,Wilson:"Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil 1930-1970

MOVIMENTO MIGRATORIO INTER-REGIONAL -FLUXO ACUMULADO ATE 1950

DESTINO/ ORIGEM	N	MA	NE	MG	ES	RJ+GB	SP	PR	SC	RS	MT+GO	TOTAL das SAIDAS
N	----	5730	12475	962	198	28106	3794	356	157	598	3482	55858
MA	16946	----	21376	573	80	9642	1409	136	50	139	49835	100186
NE	99951	152741	----	72959	10666	245868	386199	33031	1075	3355	89826	1095671
MG	515	97	46599	----	50911	344826	512736	156848	755	1624	161027	1275938
ES	117	22	1674	29163	----	87800	4569	3436	75	245	284	127385
RJ+GB	1739	286	8904	46485	29764	----	74248	11682	1365	3767	2402	180642
SP	594	115	5998	45554	744	65675	----	352471	2296	4555	29155	507157
PR	107	16	504	1258	70	7445	32709	----	24812	3268	1111	71300
SC	106	22	499	544	83	11823	15410	63162	----	26236	857	118742
RS	527	56	1571	1675	177	25106	13743	35701	120710	----	6302	205568
MT+GO	10816	2032	1705	11676	91	9876	18648	2228	353	648	----	58133
TOTAL de ENTRADAS	131418	161117	101365	210849	92784	836167	1063465	659051	151648	44435	344281	3796580

Fonte:(Dados Brutos):IBGE-Censos Demograficos in Cano,Wilson:"Desequilibrios Regionais e Concentracao Industrial no Brasil 1930-1970

MOVIMENTO MIGRATORIO INTER-REGIONAL -FLUXO ACUMULADO ATE 1960

DESTINO/ ORIGEM	N	MA	NE	MG	ES	RJ+GB	SP	PR	SC	RS	MT+GO	DF	TOTAL DAS SAIDAS
N	----	5326	13455	2266	329	45906	9427	2023	398	940	6505	1223	87858
MA	24673	----	27309	1456	166	20900	4339	859	91	250	83982	2366	166391
NE	127137	440259	---	160138	23512	526008	858551	267070	2128	5658	237089	95579	2703124
MG	1070	310	77045	---	77438	468801	711160	335545	968	2260	269275	24467	1968355
ES	195	80	5220	70941	----	138446	7394	7047	155	291	1024	1514	232667
RJ+GB	2769	444	14184	61945	29124	----	89481	25383	1772	5634	4556	10070	245362
SP	1175	310	12796	55959	969	78400	---	705150	3523	5753	93706	6898	964639
PR	370	258	2933	3452	148	10959	68215	---	23664	4217	6430	983	121629
SC	270	81	2094	2866	189	16113	25278	168414	---	51309	3649	783	271051
RS	868	386	3021	2483	270	30929	20589	158662	193525	---	7134	998	418865
MT+GO	13680	2667	1939	18782	59	15939	36737	6258	276	1185	---	25990	123412
DF	14	1	14	12	0	14	20	0	0	0	122	---	197
TOTAL DE ENTRADAS	172229	450130	160010	380295	132204	1352415	1831191	1676771	226500	77497	713472	130836	7303550

Fonte:(Dados Brutos):IBGE-Censos Demograficos in Cano,Wilson:"Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil 1930-1970

DESTINO/ ORIGEM	N	MA	NE	MG	ES	RJ+GB	SP	PR	SC	RS	MT+GO	DF	TOTAL DAS SAIDAS
N	----	6814	18060	3026	514	62361	16844	3057	432	936	8265	5533	125842
MA	49992	----	45991	1931	178	31511	8292	728	107	253	110901	13007	262891
NE	129922	403847	----	158651	43861	814547	1449796	386512	2061	4898	362319	155686	3912100
MG	7043	2381	84813	----	150975	651444	1193730	550993	1995	2870	449356	102008	3197616
ES	2305	759	8017	45790	----	254313	24096	38272	203	489	12717	5509	392470
RJ+GB	5125	744	27520	53244	6404	----	123209	32548	2867	7052	7488	35250	321451
SP	3881	779	38245	383055	1780	96505	----	797352	5596	8270	219841	15198	1269579
PR	2422	322	8989	6939	684	14279	221944	----	36391	7126	33283	3189	335574
SC	440	64	1094	2010	239	17417	37874	306017	----	68528	3506	1831	439026
RS	1402	303	4067	3268	476	38779	36955	340389	258420	----	9371	3533	696963
MT+GO	23299	4901	5611	24922	354	20608	70343	10386	1007	1925	----	73408	236764
DF	200	124	1690	1141	127	2430	2134	995	134	295	4086	----	13356
TOTAL DE ENTRADAS	226033	421037	244097	383055	225592	2004200	3185223	2467249	309213	102642	1221133	414152	11203626

Fonte:(Dados Brutos):IBGE-Censos Demograficos in Cano,Wilson:"Desequilibrios Regionais e Concentracao Industrial no Brasil 1930-1970

MOVIMENTO MIGRATORIO INTER-REGIONAL - FLUXO ACUMULADO ATÉ 1980

DESTINO/ ORIGEM	N	MA	NE	NG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS	GO+MT+MS	DF	TOTAL DAS SAIDAS
N	----	12354	28751	5051	1539	72457	38730	2818	1193	2092	15669	12844	185498
MA	168976	----	79993	9738	760	54976	34367	1223	275	430	113316	46539	505793
NE(a)	273387	409853	---	199760	61017	1124148	2868902	270019	5990	9898	462997	315148	6001049
NG	95980	8613	95880	---	205147	743748	1800584	373531	4578	5223	503182	170118	4006584
ES	45634	2089	19814	72327	----	287613	48394	22773	632	830	15328	7724	523158
RJ	13117	2268	64218	86344	47102	----	174662	27207	6967	10300	15214	61685	509084
SP	41554	2753	111002	174476	7898	129214	---	612855	15684	15376	311994	28733	1451539
PR	92507	1396	22056	40878	3968	22155	779037	---	88430	22293	181169	5983	1259872
SC	8648	241	2665	3938	631	19259	56541	351629	---	116542	21478	2749	584321
RS	14278	1196	8952	8699	1779	47845	62915	385212	297980	---	56602	11321	896779
MT+GO	117102	14204	16270	68815	1465	27461	142763	16774	2642	3174	---	128388	539138
DF	1971	1144	8972	6583	845	6050	7079	806	291	510	26561	---	60812
TOTAL DE ENTRADAS	873154	456191	458573	671609	331864	2534926	6006174	2064847	424592	186668	1723510	791232	16523627

Fonte: Fundação IBGE  
Obs(a): Exclue MA